

A TENSÃO HERMENÊUTICA NA TRADUÇÃO BÍBLICA

uma análise comparativa entre a Equivalência Formal e a Equivalência Dinâmica na Língua Portuguesa

Sandro R. Cata Preta¹

Mateus Soares Parreiras de Freitas²

Resumo: O presente artigo analisa as complexidades teóricas, linguísticas e teológicas que circundam o ato de traduzir os textos sagrados judaico-cristãos para a língua portuguesa contemporânea. Centrando-se no debate metodológico estabelecido na segunda metade do século XX por Eugene Nida, o trabalho estabelece um confronto analítico entre os modelos de Equivalência Formal (ou correspondência palavra por palavra) e Equivalência Dinâmica/Funcional (ou correspondência sentido por sentido). Investigam-se as raízes históricas da tradução da Vulgata Latina por Jerônimo e os esforços pioneiros de João Ferreira de Almeida. Por meio de uma metodologia comparativa, o artigo examina versículos específicos do Antigo Testamento (Hebraico) e do Novo Testamento (Grego Koiné), demonstrando como as escolhas tradutórias impactam diretamente a exegese, a recepção eclesial e a acessibilidade cultural do texto. Conclui-se que ambos os métodos possuem valia epistemológica distinta, configurando ferramentas complementares, e não excludentes, na transmissão do depósito da fé e da literatura bíblica.

Palavras-chave: Tradutologia Bíblica; Equivalência Formal; Equivalência Dinâmica; Eugene Nida; Linguística Aplicada.

Abstract: This article analyzes the theoretical, linguistic, and theological complexities surrounding the act of translating sacred Judeo-Christian texts into contemporary Portuguese. Focusing on the methodological debate established in the second half of the 20th century by Eugene Nida, the study sets up an analytical confrontation between the models of Formal Equivalence (word-for-word correspondence) and Dynamic/Functional Equivalence (sense-for-sense correspondence). It investigates the historical roots of the Latin Vulgate translation by Jerome and the pioneering efforts of João Ferreira de Almeida. Through a comparative methodology, the paper examines specific verses from the Old Testament (Hebrew) and the New Testament (Koine Greek), demonstrating how translational choices directly impact exegesis, ecclesial reception, and the cultural accessibility of the text. It concludes that both methods possess distinct epistemological value, forming complementary rather than mutually exclusive tools in transmitting the deposit of faith and biblical literature.

1 Mestrando em Ciências da Religião. Área de pesquisa: Linguagens da Religião pela UESP. E-mail: sandropreta_ims@a.metodista.br. Pós-Graduado em Sagrada Escritura pelo Instituto Claretiano. Graduado em Ciências da Religião pela PUC – Rio de Janeiro. Teologia pela FATUN. Professor de Religião – Curso Mater Ecclesiae pela Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro.

2 Mestre e doutorando em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo (UMESP); Pós-graduado em Teologia Sistemática (FABAT); Teólogo, Professor do curso de Teologia da Faculdade Batista do Rio de Janeiro e no Seminário Betel Brasileiro. Psicólogo clínico e Comunitário atuante na Secretaria Municipal de Assistência Social (SMAS/SUAS).

Keywords: Biblical Translation Studies; Formal Equivalence; Dynamic Equivalence; Eugene Nida; Applied Linguistics.

1 INTRODUÇÃO

Traduzir é, conforme o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa, o ato de transpor um texto de uma língua para outra conservando suas equivalências e seu estilo (2004, p. 1978), configurando-se, por definição, como uma mediação cultural, linguística e temporal. A complexidade desse processo e o seu papel na mediação entre diferentes culturas são detalhados a seguir:

Venuti concebe o ato de traduzir como uma prova na qual o tradutor negocia as diferenças culturais e linguísticas do texto de partida à luz de um conjunto de diferenças provenientes da língua/cultura-alvo a fim de facilitar ou assegurar a recepção do estrangeiro nessa mesma cultura. Desse modo, na representação do traduzir, o texto estrangeiro encontrasse investido de significações e características provenientes da língua/cultura receptora. A inserção de elementos da língua/cultura alvo no texto-fonte está no centro das preocupações de teóricos como Berman e Venuti que propõem uma reflexão ética do traduzir visando conservar a estranheza do texto-fonte (Bandia, 2020, p. 213).

Quando o objeto dessa transposição é a literatura bíblica, a tarefa ganha contornos de extrema complexidade, uma vez que o texto em questão não é visto pela comunidade de recepção apenas como um monumento histórico ou literário, mas como portador de uma revelação transcendente, comumente denominada Palavra de Deus.

Além dos desafios inerentes a todo processo de tradução, relacionados a um competente conhecimento do campo gramatical, semântico e cultural tanto da língua de origem como da língua do destino da tradução, a tradução bíblica acrescenta um conjunto de complicadores advindos das peculiaridades que fazem da Bíblia um livro diferente de todos os outros livros (Solano Rossi; Dietrich; Souza, 2022, p. 268).

Essa natureza bifronte do texto bíblico, simultaneamente um artefato humano, produzido em coordenadas socio-históricas específicas, e um texto sagrado dotado de autoridade normativa³, coloca o tradutor em uma encruzilhada metodológica e ética de proporções monumentais.

³ Conforme ensina a Constituição Dogmática *Dei Verbum* do Concílio Vaticano II, a Bíblia tem Deus como autor principal e os hagiógrafos como verdadeiros autores humanos. O documento afirma que "na redação dos

A problemática central da tradutologia bíblica reside na busca pelo equilíbrio entre dois polos tensionados: a fidelidade à alteridade do texto de partida (as línguas fontes: o hebraico bíblico, o aramaico imperial e o grego koiné) e a inteligibilidade na língua de chegada (o idioma receptor).⁴ Essa tensão não é meramente técnica; ela carrega profundas implicações teológicas, filosóficas e ideológicas. Uma tradução demasiadamente apegada à morfologia e à sintaxe do idioma original corre o risco de se tornar hermética, artificial e inacessível para o leitor comum, alienando-o do sentido essencial da mensagem. Por outro lado, uma tradução que priorize excessivamente a fluidez e a naturalidade estilística da língua de chegada podem incorrer em anacronismos, perdas de nuances teológicas cruciais e em uma indesejada domesticação do texto, silenciando a voz e o contexto do Oriente Médio Antigo e do mundo greco-romano.⁵

Historicamente, o debate sobre o modo correto de traduzir a Bíblia oscilou entre a primazia da "letra" e a primazia do "espírito". No entanto, foi com o advento da linguística moderna, particularmente a partir dos trabalhos pioneiros do linguista e antropólogo norte-americano Eugene Albert Nida (1914–2011)⁶, que essa discussão ganhou um arcabouço

livros sagrados, Deus escolheu homens dos quais se serviu, fazendo-os usar suas próprias faculdades e capacidades, a fim de que, agindo Ele próprio neles e por eles, escrevessem, como verdadeiros autores, tudo e só aquilo que Ele próprio quisesse." (CONCÍLIO VATICANO II, *Dei Verbum*, n. 11).

⁴ Conforme argumenta Johan Konings, a problemática central da tradutologia bíblica reside precisamente na tensão entre a fidelidade à forma do texto original e a inteligibilidade na língua receptora. O autor distingue entre uma tradução formal, que "procura manter o mais possível a estrutura do texto original, tanto na construção da frase ou período quanto na tradução das metáforas e imagens" (Koning, 2022, p. 233), e uma tradução por equivalência dinâmica, que "procura suscitar no leitor, mediante um uso linguístico adequado do idioma final, o efeito de significação que o texto teve no leitor inicial" (Konings, 2022, p. 233). Essa tensão, que perpassa todo o trabalho tradutório, exige do tradutor um conhecimento profundo não apenas das línguas fonte (hebraico, aramaico e grego *koiné*), mas também da cultura, da semântica e da pragmática do texto, a fim de que a tradução possa ser ao mesmo tempo fiel e compreensível para a comunidade de fé (Konings, 2022, p. 220-224). Portanto, a busca pelo equilíbrio entre a "alteridade do texto de partida" e a "inteligibilidade na língua de chegada" é, de fato, o eixo que estrutura as discussões sobre a tradução bíblica.

⁵ Conforme discutem Farias e Santiago (2016), a escolha do método tradutório, seja por equivalência formal (literal) ou dinâmica (funcional), carrega implicações que vão além do aspecto técnico, pois envolve decisões sobre o que se prioriza: a estrutura do original ou a compreensão do leitor. Uma tradução excessivamente apegada à morfologia e à sintaxe do idioma de partida, ainda que fiel à forma, pode dificultar o acesso do leitor comum ao sentido essencial do texto, tornando-o hermético e artificial, como os autores observam ao analisar as diferenças entre a Almeida Revista e Atualizada e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (Farias; Santiago, 2016, p. 36; 40-44). Assim, a tensão entre fidelidade e inteligibilidade reflete não apenas um problema linguístico, mas também uma questão teológica e pastoral, na medida em que a tradução bíblica está a serviço da comunicação da fé.

⁶ Eugene Albert Nida (1914–2011) foi um renomado linguista, tradutor e ministro batista norte-americano, amplamente considerado o pai da teoria da equivalência dinâmica (posteriormente denominada equivalência funcional). Atuando por décadas na *American Bible Society*, Nida revolucionou a tradução de textos sagrados ao propor que o tradutor deve priorizar a transmissão do sentido e o impacto cultural da mensagem no leitor contemporâneo, rompendo com o modelo tradicional de tradução literal (palavra por palavra).

científico rigoroso. Nida formalizou a dicotomia que moldaria toda a produção e discussão de traduções bíblicas na modernidade tardia: a distinção entre a *Equivalência Formal* e a *Equivalência Dinâmica* (posteriormente denominada *Equivalência Funcional*).

No cenário lusófono, esse embate metodológico é claramente visível. A língua portuguesa possui uma longa e rica história de traduções bíblicas, inaugurada de forma sistemática pelo trabalho heróico e seminal de João Ferreira de Almeida no século XVII:

A primeira tradução completa da Bíblia em português, e feita a partir dos originais, foi a de João Ferreira de Almeida (séc. XVII/XVIII); atualmente há três versões no mercado: Bíblia Sagrada*: trad. de João Ferreira de Almeida versão “corrigida fiel”, Sociedade Bíblica do Brasil. Bíblia Sagrada*: “versão revisada de acordo com os melhores textos em hebraico e grego”; Imprensa Bíblica Brasileira, a partir de 1967 Bíblia Sagrada*: “edição revista e atualizada no Brasil”; Sociedade Bíblica do Brasil, a partir de 1969 (Konings, 2022, p. 215).

Cuja matriz de tradução literal e formal moldou a identidade religiosa, cultural e até mesmo linguística do protestantismo em Portugal e no Brasil. Paralelamente, ao longo do século XX e nas primeiras décadas do século XXI, o mercado editorial e as sociedades bíblicas testemunharam a eclosão de novas versões que adotaram, em graus variados, os pressupostos da equivalência dinâmica, com o intuito de democratizar o acesso ao texto sagrado para as novas gerações e para camadas da população menos familiarizadas com o jargão eclesiástico arcaico.

Diante desse panorama, o presente artigo propõe-se a responder à seguinte indagação: Em que medida as escolhas metodológicas entre a equivalência formal e a equivalência dinâmica alteram a percepção hermenêutica do leitor em língua portuguesa, e como essas abordagens gerenciam os inevitáveis ruídos na comunicação intercultural?

Para responder a essa questão, este trabalho estruturar-se-á em seis seções subsequentes. Na segunda seção, faremos uma incursão histórico-teórica pela evolução da tradução bíblica, desde a Septuaginta até as primeiras versões em língua portuguesa. A terceira seção será dedicada à dissecação minuciosa dos conceitos de Nida, explicitando as bases linguísticas da equivalência formal e dinâmica. Na quarta seção, procederemos a uma análise empírica e comparativa de casos textuais específicos, contrastando versões formais (como a Almeida Revista e Atualizada e a Almeida Revista e Corrigida) com versões dinâmicas/funcionais (como a Nova Tradução na Linguagem de Hoje e a Nova Versão

Sandro R. Cata Preta e Mateus Soares Parreiras de Freitas. A Tensão hermenêutica na tradução Bíblica: uma análise comparativa entre a Equivalência Formal e a Equivalência Dinâmica na Língua Portuguesa.

Transformadora). A quinta seção discutirá as implicações teológicas, exegéticas e eclesiais decorrentes da adoção de cada modelo. Por fim, a sexta seção apresentará as considerações finais, apontando caminhos para uma síntese integradora no campo da tradutologia bíblica.

2 PERSPECTIVA HISTÓRICA DA TRADUÇÃO BÍBLICA: DA ANTIGUIDADE À TRADUÇÃO LUSÓFONA

Para compreender a atual dicotomia entre os modelos de equivalência, faz-se indispensável recuar no tempo e examinar como os tradutores do passado lidaram com o desafio de transpor a palavra sagrada através de fronteiras linguísticas. A história da tradução da Bíblia é, fundamentalmente, a história da expansão e da sobrevivência do próprio texto bíblico perante as transformações geopolíticas e culturais do Ocidente e do Oriente.

2.1 A Septuaginta (LXX)⁷ e os Primórdios da Hellenização⁸

O primeiro grande esforço de tradução em larga escala registrado na história ocidental ocorreu por volta do século III a.C., na cidade de Alexandria, no Egito ptolomaico. Trata-se da *Septuaginta* (ou Versão dos Setenta), a tradução das Escrituras Hebraicas (o *Tanakh*)⁹ para o grego *koiné*¹⁰, a língua franca do mundo mediterrâneo após as conquistas de Alexandre, o

⁷ De acordo com a tradição religiosa, a Septuaginta é a tradução das Escrituras Hebraicas para a língua grega realizada na segunda metade do século III a.C. em Alexandria, cidade egípcia (Oliveira, 2008, p.115).

⁸ Esse termo deriva do verbo grego *hellenizó*, que significa "agir como grego", "adotar costumes gregos" ou "falar grego". O processo atingiu o seu ápice durante o chamado Período Helenístico (séculos IV a I a.C.), logo após as conquistas militares de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, que expandiu seus domínios pelo Egito, Oriente Médio e Ásia (cf. Oliveira, 2011).

⁹ O Tanakh (frequentemente transliterado como Tanach ou Tanar) é a Bíblia Hebraica propriamente dita, constituindo a coleção canônica dos textos sagrados do judaísmo. O termo é um acrônimo hebraico (תנ"ך) formado pelas consoantes iniciais das suas três grandes divisões estruturais: Torá (Torah): compreende a Lei, a Instrução ou o Pentateuco (os cinco livros de Moisés). *Nevi'im* (Neviim): engloba os Profetas Anteriores e Posteriores. *Ketuvim* (Ketuvim): refere-se aos Escritos, que incluem livros poéticos, históricos e de sabedoria. Embora seu conteúdo de 24 livros corresponda exatamente aos 39 livros do Antigo Testamento das bíblias protestantes cristãs, ele difere substancialmente na ordem e no agrupamento dessas obras (cf. Tanakh. In: Enciclopédia Britannica. Chicago: Encyclopædia Britannica, 2026).

¹⁰ O grego *koiné* (do adjetivo grego *koinós*, que significa "comum" ou "público") foi o dialeto popular da língua grega que funcionou como a *lingua franca* (idioma universal) de todo o mundo mediterrâneo durante os períodos helenístico e romano. Ele surgiu a partir das conquistas militares de Alexandre, o Grande, que fundiu os antigos dialetos regionais da Grécia (principalmente o ático de Atenas) em uma língua simplificada, prática e de fácil assimilação para os povos conquistados. Historicamente, ele é famoso por ser o idioma original no qual foi escrito o Novo Testamento da Bíblia e a tradução da Septuaginta (cf. Silva, 2012).

Grande. A comunidade judaica da Diáspora alexandrina, imersa no ambiente helenístico, havia perdido, em grande parte, a capacidade de ler e compreender o hebraico e o aramaico bíblicos.

A Septuaginta não foi um bloco homogêneo; diferentes livros foram vertidos por diferentes tradutores ao longo de quase dois séculos.

Charpentier a respeito da Septuaginta que é, para ele, na realidade, uma obra heterogênea, começada no século III a.C. e continuada até o fim do II século a.C. De acordo com Charpentier, a “versão grega abrangia todos os livros que se achavam na Bíblia Hebraica, e, depois, acrescentou-se alguns livros que só existiam no grego. Estes livros - denominados de “deuterocanônicos” pelos católicos e “apócrifos” pelos protestantes - são: Tobias, Judite, Sabedoria, Sirácida, I e II Macabeus, Baruque e as passagens gregas de Daniel e Ester” (Charpentier, 1981, p. 57).

No entanto, ela inaugurou um debate hermenêutico profundo. Em livros como o Pentateuco (Torá), observa-se uma tendência de correspondência mais próxima às estruturas sintáticas hebraicas, o que resultou em um grego eivado de “hebraísmos”, estruturas gramaticais estranhas ao gênio da língua grega clássica, mas mantidas por reverência ao caráter sagrado do texto de origem (cf. Carneiro, 2022, p. 511-512). Por outro lado, em livros como Provérbios e Isaías, os tradutores demonstraram maior liberdade estilística, adaptando metáforas semíticas para conceitos filosóficos gregos mais palatáveis ao ambiente alexandrino. A Septuaginta tornou-se a Bíblia da Igreja Cristã primitiva (Torres, 2023, p. 42) e a maioria das citações do Antigo Testamento feitas pelos autores do Novo Testamento provém dessa tradução grega¹¹, demonstrando que, desde o princípio, a fé cristã legitimou a tradução como veículo autêntico da revelação (Torres, 2023, p. 41).

¹¹ Conforme argumenta Carneiro (2022), o uso da Septuaginta pelos autores do Novo Testamento não foi meramente instrumental, mas evidencia que a tradução grega era considerada “Escritura, no mesmo nível dos textos hebraicos circulantes” (p. 510). Ao adotar a LXX como sua Bíblia, a Igreja Cristã primitiva não apenas legitimou a tradução como veículo autêntico da revelação, mas também fez dela fonte teológica e escriturística para a pregação e a redação dos textos do Novo Testamento (Carneiro, 2022, p. 517).

2.2 Jerônimo de Estridão¹² e a Vulgata Latina

Com a ascensão e a consolidação do Império Romano, o latim substituiu gradativamente o grego como idioma dominante na porção ocidental do império. No final do século IV d.C., as traduções latinas em circulação (conhecidas coletivamente como *Vetus Latina*)¹³ apresentavam uma profusão alarmante de variantes textuais, erros de copistas e inconsistências estilísticas, devido ao fato de terem sido feitas de forma fragmentada a partir da Septuaginta, e não dos originais hebraicos.

[...] a Septuaginta influenciou traduções ao latim no século II d.C.; o Novo Testamento, elaborado ao longo do século I d.C., também foi versado para o latim na segunda centúria. Existem diversos textos bíblicos traduzidos do grego ao latim nestes primeiros séculos; eles formam a *Vetus Latina* ou *Antiga Latina* (também conhecida como *Itala*).

A *Vetus Latina* data por volta do século II d.C, anterior, portanto, à tradução jeronimiana. Ela não se constituía em uma única obra, mas em textos dispersos transmitidos por diferentes manuscritos, que apresentavam muitas vezes, inclusive, distinções textuais. Os seus textos são originários de diferentes localidades e variam entre si quanto à qualidade (Taborda, 2022, p. 4-5).

Diante desse cenário caótico, o Papa Dâmaso I comissionou, no ano de 382 d.C., o erudito Jerônimo de Estridão (são Jerônimo) para realizar uma revisão e nova tradução das Escrituras para o latim, “considerando as variantes das diversas traduções latinas da Bíblia, que alteravam o texto, o papa Dâmaso encarregou Jerônimo da tarefa de estabelecer um texto digno de confiança [...] 382-385: Jerônimo em Roma, secretário do papa Dâmaso.” (Carpinetti, 2003, p. 16-17). Jerônimo tomou uma decisão metodológica revolucionária e, na época, altamente controversa: em vez de basear sua tradução do Antigo Testamento na venerada

¹² São Jerônimo (c. 347–420 d.C.), cujo nome de batismo era Eusébio Sofrônio Jerônimo, foi um sacerdote, teólogo, historiador e um dos maiores eruditos do cristianismo primitivo. Ele ficou conhecido na história como Jerônimo de Estridão por causa de sua cidade natal, Estridão (localizada na antiga província romana da Dalmácia, região que hoje corresponde à Croácia). É amplamente reconhecido pela Igreja Católica como Santo, Pai da Igreja e Doutor da Igreja, sendo considerado o padroeiro dos tradutores, dos bibliotecários e dos estudos bíblicos.

¹³ Se a Septuaginta legitimou a tradução como veículo da revelação na antiguidade grega, o cristianismo ocidental consolidou esse processo no século IV por meio da Vulgata Latina. Encomendada pelo Papa Dâmaso I, a monumental tradução das Escrituras das línguas originais para o latim foi capitaneada por Jerônimo de Estridão (Vulgata, 2026). Longe de ser uma mera cópia literal, o trabalho de Jerônimo representou uma nova atualização hermenêutica e linguística, tornando-se o texto base definitivo da cristandade ocidental por mais de um milênio (Ravasi, 2020).

Septuaginta grega, ele decidiu retornar à *Hebraica Veritas* (a verdade hebraica), aprendendo o idioma com rabinos palestinos para traduzir diretamente do texto massorético original.

Se a sua atividade de tradutor parecia original e revolucionária em seu próprio tempo, uma das principais razões era a sua insistência em que o Antigo Testamento deveria ser traduzido a partir da *hebraica ueritas* (verdade hebraica). Ao colocar isso em prática, Jerônimo chegou perto de tornar obsoletas as traduções existentes da Igreja Latina, que haviam sido feitas a partir do grego (Barr, 1967, p. 281).

Em sua célebre *Carta a Pammachius* (Carta 57), Jerônimo estabeleceu um dos primeiros tratados sobre metodologia de tradução da história. Ele escreveu uma máxima que ecoa até os dias de hoje:

Pois eu não apenas admito, mas proclamo livremente que na tradução de textos gregos — exceto no caso das Sagradas Escrituras, onde até a ordem das palavras é um mistério — eu traduzo não palavra por palavra, mas sentido por sentido (*non verbum e verbo, sed sensum exprimere de sensu*) (Jerônimo, Epístola 57, § 5).

É fascinante notar que Jerônimo reconhecia a legitimidade da tradução pelo sentido (o germe da equivalência dinâmica) para a literatura geral, mas demonstrava um temor reverencial em relação ao texto bíblico, onde cria que a própria disposição gramatical das palavras ocultava mistérios divinos. O resultado de seu esforço de décadas foi a *Vulgata Latina* (de *vulgata*, significando popular, de circulação comum). Inicialmente rejeitada por contemporâneos como Agostinho de Hipona, que temia que a ruptura com a Septuaginta causasse cismas nas igrejas, a Vulgata acabou por se impor pela sua inegável qualidade literária e precisão filológica, tornando-se o texto oficial da Igreja Católica Romana por mais de um milênio.¹⁴

¹⁴ A tradução da Bíblia para o latim diretamente do hebraico, empreendida por Jerônimo e conhecida como Vulgata, foi alvo de intensas controvérsias em seu tempo. Agostinho de Hipona, em sua correspondência com Jerônimo, manifestou sua preocupação com os riscos que uma nova versão poderia trazer para a unidade da Igreja, argumentando que a Septuaginta gozava de autoridade superior por seu uso consagrado nas comunidades cristãs e por sua tradição apostólica (p. 57). O bispo de Hipona temia que a introdução da tradução jeronimiana causasse "dissonância" entre as igrejas latinas e gregas, além de gerar tumultos nas assembleias, como o ocorrido na cidade de Oea, onde a comunidade reagiu com veemência às diferenças entre a Vulgata e a versão da Septuaginta (p. 58). Jerônimo, por sua vez, defendeu seu trabalho com vigor, argumentando que sua tradução não visava superar as versões antigas, mas sim restaurar a *hebraica veritas* (verdade hebraica) que havia sido corrompida ou omitida (p. 60-61). Apesar das resistências iniciais e das polêmicas, a Vulgata, pela sua qualidade

2.3 A Reforma Protestante e a Vernaculização do Texto

O monopólio do latim como língua sagrada e litúrgica começou a ser contestado de forma sistemática no final da Idade Média por precursores como John Wycliffe na Inglaterra e Jan Hus na Boêmia. No entanto, o ponto de virada definitivo ocorreu no século XVI com a Reforma Protestante. Um dos pilares teológicos da Reforma foi o princípio do *Sola Scriptura* (Somente a Escritura), o qual demandava, intrinsecamente, que o povo tivesse acesso direto ao texto bíblico em sua própria língua materna.¹⁵

O expoente máximo dessa virada tradutológica foi Martinho Lutero.¹⁶ Em 1522, refugiado no Castelo de Wartburg, Lutero traduziu o Novo Testamento para o alemão (baseando-se no texto grego editado por Erasmo de Roterdã)¹⁷ e, em 1534, completou o Antigo Testamento. Na sua famosa obra *Carta Aberta sobre a Tradução (Sendbrief vom Dolmetschen, 1530)*, Lutero defendeu vigorosamente a necessidade de o tradutor sintonizar o seu ouvido com a linguagem das ruas, do mercado e do lar.

literária e precisão filológica, acabou por se impor como a tradução autorizada e utilizada pelas igrejas latinas, tomando-se o texto oficial da Igreja Católica Romana por mais de um milênio. Para a discussão completa, cf. o artigo de Marcus Cruz, especialmente as páginas 57-61.

¹⁵ A evolução histórica da tradução bíblica atingiu seu ápice de democratização com o advento da Reforma Protestante no século XVI. Um dos pilares teológicos desse movimento foi o princípio do *Sola Scriptura* (Somente a Escritura), o qual demandava, intrinsecamente, que o povo tivesse acesso direto ao texto bíblico em sua própria língua materna. Sob essa ótica, a tradução deixou de ser vista meramente como uma ferramenta de apoio litúrgico e passou a ser tratada como um imperativo de libertação espiritual e eclesial. Ao transferir a autoridade da tradição clerical para o texto traduzido na língua vernácula, os reformadores consolidaram a tradução como o veículo definitivo de mediação entre o sagrado e o cotidiano.

¹⁶ O termo "virada tradutológica" (ou revolução tradutória) refere-se ao momento histórico em que a tradução da Bíblia deixou de ser uma mera cópia literal palavra por palavra, orientada pelo latim clerical e pela autoridade do magistério da Igreja, e passou a focar na compreensão natural do leitor comum, moldando a identidade linguística e cultural de uma nação inteira. Esse fenômeno encontra seu paradigma na tradução da Bíblia para o alemão empreendida por Martinho Lutero. O reformador rompeu com o monopólio interpretativo da Igreja Católica (p. 4) e estabeleceu princípios tradutórios inovadores: rejeitou a tradução literal que "distorce o significado do texto", que ele chamava de "arte dos asnos" (p. 3); adotou o método da "equivalência dinâmica", traduzindo para um "alemão claro e compreensível" (p. 3); e orientou-se pelo princípio de "perguntar à mãe em casa, às crianças na rua, ao homem comum no mercado, e olhá-los na boca para ver como falam e depois traduzir" (p. 3). Com isso, Lutero não apenas tornou as Escrituras acessíveis ao povo, mas também contribuiu decisivamente para a padronização e o desenvolvimento da língua alemã como idioma nacional. A "virada tradutológica", portanto, não é meramente uma questão técnica, mas um movimento teológico, cultural e político que alterou profundamente a relação entre a fé, a língua e a identidade dos povos. Sobre a tradução de Lutero e seus princípios, cf. o artigo de Bormschein, especialmente as páginas 2-4.

¹⁷ O texto explica que Erasmo publicou a primeira edição de seu Novo Testamento greco-latino (*Novum instrumentum*) em 1516 (p. 285). Diante do sucesso e das críticas, ele preparou uma segunda edição, publicada em 1519, que trouxe o título mais familiar "Novum Testamentum" e várias correções (p. 287-288). Foi esta segunda edição que serviu de base para a tradução de Lutero cf. Sieperski, p. 287-288).

As condições para acelerar o processo de unificação da forma literária eram especialmente favoráveis na periferia do império, na região leste da Alemanha, pois ali convergiam muitos dialetos de imigrantes das mais diversas regiões. Na formação da língua escrita, Lutero não procedeu à análise filológica, mas partiu da observação, perguntando a mulher em casa, as crianças na rua, o homem simples na praça do mercado, observando como eles se exprimiam, para também ele se expressar de maneira inteligível, sem suscitar dúvidas de que estava falando alemão com eles. Lutero, por seu talento de imitação (semelhante ao talento de ator), apropriou-se até do modo de pensar e sentir do homem de seu tempo, conseguindo expressar as coisas mais sutis e douradas, como também as mais simples e triviais, em linguagem natural, compreensível e incisiva. Esse tipo de linguagem, embora novo, não causava estranheza, nem entre letrados nem entre populares, tanto assim que se tornou padrão de boa linguagem de todas as traduções da Bíblia surgidas após a primeira edição do NT de Lutero. Os critérios estabelecidos por Lutero para uma linguagem apropriada à tradução da Bíblia eram normativos também para a forma literária: 19, a língua alemã deve proporcionar uma linguagem precisa e "dialética", 29, a linguagem deve ser culta e "retórica". Palavras apropriadas e sugestivas persuadem o coração a abrir-se à mensagem da fé (Stadelmann, 1985, p. 95).

Ele rejeitou o literalismo estéril que obscurecia o sentido do texto para o homem comum. Para Lutero, a tradução deveria ser "germanizada" de modo que um alemão pudesse ler o texto sagrado como se ele tivesse sido escrito originalmente em sua própria língua, antecipando em séculos os conceitos modernos de domesticação e equivalência funcional.¹⁸

2.4 A Trajetória da Bíblia em Língua Portuguesa: De D. Diniz a João Ferreira de Almeida

Em solo lusófono, as primeiras tentativas de tradução bíblica remontam ao período medieval, associadas à erudição régia. O rei D. Diniz (1279–1325) teria traduzido partes da Vulgata para o português¹⁹, seguido por iniciativas de D. João I e D. Duarte no século XV,

¹⁸ Conforme Stadelmann (1985), a abordagem tradutória de Lutero rompeu com o literalismo estéril que obscurecia o sentido do texto bíblico para o homem comum. O reformador estabeleceu que passagens com ensinamentos centrais da fé "não deveriam ser traduzidas literalmente, mas em função do sentido" (p. 91), e que a tradução deveria situar o leitor "em um contexto que lhe é inteligível", esperando-se do tradutor que esteja "inserido na realidade em que vive" e "em sintonia com o leitor" (p. 92). Ao "perguntar à mulher em casa, às crianças na rua, ao homem simples na praça do mercado" (p. 95), Lutero buscou uma linguagem que fizesse a Bíblia soar como se tivesse sido escrita originalmente em alemão, antecipando os conceitos modernos de domesticação cultural e equivalência funcional na tradução.

¹⁹ Se a Europa Central testemunhou a virada tradutológica com o Novo Testamento de Lutero, as raízes desse movimento de nacionalização e democratização do texto bíblico em Portugal remontam ao final do século XIII. O rei D. Diniz (1279–1325) teria traduzir partes da Vulgata para o português, concentrando seus esforços nos primeiros vinte capítulos do livro de Gênesis (Geisler; Nix, 2023). Esse esforço pioneiro do monarca, inserido em seu projeto político de oficialização do vernáculo como língua de cultura, posicionou historicamente a literatura lusitana na vanguarda das traduções bíblicas ocidentais, pavimentando o longo caminho histórico que

que verteram livros devocionais e os Evangelhos.²⁰ Contudo, tratava-se de traduções fragmentárias, restritas à biblioteca da corte e sem impacto na população analfabeta.

A primeira tradução completa da Bíblia para o português, realizada a partir dos idiomas originais, é obra do pastor e tradutor português João Ferreira de Almeida (1628–1691) (Moraes, 2015). Convertido ao protestantismo na juventude, enquanto residia na Ásia (Malaca e Batávia), Almeida dedicou toda a sua vida ao projeto monumental de dotar o povo de língua portuguesa de uma versão fiável das Escrituras (Fernandes, 2016). Em 1681, foi publicado em Amsterdã o seu Novo Testamento. Almeida faleceu antes de concluir o Antigo Testamento, tendo chegado até o livro do profeta Ezequiel (capítulo 48, versículo 21); o trabalho foi concluído por seus colaboradores holandeses e publicado integralmente em 1753 (Moraes, 2015).

Almeida adotou como base textual o *Textus Receptus* para o Novo Testamento e o Texto Massorético para o Antigo Testamento (Fernandes, 2016). A sua metodologia foi profundamente influenciada pela versão holandesa *Statenvertaling* (Bíblia dos Estados, de 1637). Almeida seguiu uma linha de tradução rigidamente literal, baseada na equivalência formal (Geisler; NIX, 2006). Ele buscou espelhar na língua portuguesa as estruturas sintáticas e estilísticas dos originais. O texto resultante possuía uma solenidade majestosa, mas também uma densidade gramatical que exigia esforço intelectual do leitor (Moraes, 2015). Ao longo dos séculos, o texto de Almeida passou por sucessivas revisões (notadamente as revisões da Sociedade Bíblica do Brasil, resultando na *Almeida Revista e Corrigida* - ARC, e na *Almeida Revista e Atualizada* - ARA), mantendo-se como o padrão áureo do cristianismo evangélico lusófono e exercendo um papel unificador na própria evolução do idioma português no Brasil e em Portugal (Geisler; Nix, 2006).

culminaria, séculos mais tarde, nas traduções completas de João Ferreira de Almeida e de Antônio Pereira de Figueiredo (Silva, 2021).

²⁰ Se o pioneirismo ibérico fincou suas raízes no século XIII com os fragmentos de Gênesis de D. Dinis, o século XV testemunhou a consolidação desse projeto político-linguístico sob a dinastia de Avis. D. João I e D. Duarte, no século XV, verteram livros devocionais e os Evangelhos para o português (Silva, 2021). Sob o mecenato de D. João I, uma junta de eruditos traduziu extensas porções do Novo Testamento grego-latino, enquanto D. Duarte normatizou metodologicamente o ato de traduzir em sua corte (Almeida, 2017). Esse esforço régio de transposição textual não apenas refinou a prosa quatrocentista, mas assegurou a circulação das narrativas evangélicas na língua materna da nobreza lusitana muito antes das pressões reformistas europeias.

3 O MODELO TEÓRICO DE EUGENE NIDA²¹: FORMALIDADE VERSUS DINAMISMO

Para além do empirismo dos tradutores históricos, a tradutologia bíblica contemporânea fundamenta-se em modelos teóricos oriundos da linguística e da antropologia cultural. O marco divisor desse processo de cientificação foi, conforme mencionado, o trabalho de Eugene A. Nida. A sua atuação como secretário de traduções da American Bible Society (Sociedade Bíblica Americana) colocou-o em contato com centenas de línguas nativas nas Américas, África e Ásia, expondo os limites práticos do modelo de tradução estritamente literal.

3.1 Segmentação do texto e tradução interlinear literal

Nida percebeu que a tradução tradicional operava sob um paradigma puramente filológico, centrado no texto de partida (Nida, 1964). Ele propôs uma mudança de paradigma, deslocando o foco do texto em si para a resposta do receptor (Nida; Taber, 1969). Influenciado pela teoria da comunicação de Shannon e Weaver (Shannon; Weaver, 1949) e pela gramática gerativo-transformacional de Noam Chomsky (Chomsky, 1957), Nida concebeu o processo de tradução através de um modelo tripartite: Análise, Transferência e Reestruturação (Munday, 2022).

[Texto na Língua Fonte (A)] —> (Análise da Estrutura Profunda)

|



[Texto na Língua Alvo (B)] <— (Reestruturação) ◀— (Transferência Cultural)

²¹ Eugene Nida ingressou na *American Bible Society* (ABS) em 1943, assumindo o cargo de Secretário Executivo para Traduções em 1946, onde permaneceu até sua aposentadoria em 1980. Durante esse período, coordenou o trabalho de campo em mais de 100 países, estudando diretamente cerca de 200 idiomas e dialetos. Essa massiva exposição empírica forçou-o a constatar que as línguas não ocidentais possuíam estruturas gramaticais e categorias conceituais totalmente incompatíveis com o modelo literal e palavra por palavra das traduções clássicas baseadas em idiomas indo-europeus, servindo de base para a publicação de sua obra seminal *Toward a Science of Translating* em 1964.

Nesse modelo, o tradutor não transfere as palavras diretamente da superfície da Língua A para a Língua B. Primeiramente, ele analisa a mensagem da Língua A até atingir o nível das "frases nucleares" ou da estrutura profunda (onde o sentido é mais claro e despojado de idiomatismos complexos).²² Em seguida, ele transfere esse sentido subjacente para a mente do tradutor na Língua B e, finalmente, reestrutura essa mensagem na superfície da Língua B, utilizando as formas gramaticais e estilísticas naturais desse segundo idioma.²³

3.2 Equivalência Formal: Definição, Mecanismos e Limitações

A Equivalência Formal, que Nida posteriormente refinou sob o termo "correspondência formal", orienta-se essencialmente para a estrutura do texto de partida (Bible Gateway, 2023). Uma tradução que segue esse modelo busca reproduzir, o mais fielmente possível na língua de chegada, os vários elementos do texto original, priorizando a forma literal e a estrutura gramatical da língua fonte (Bible Gateway, 2023). Essa abordagem, focada nas palavras e na estrutura do texto, era o paradigma tradicional que a abordagem inovadora de Nida procurou reformular, deslocando o foco para o significado e a resposta do receptor (Zwick, 2010; Christianity Today, 2011), incluindo: (a) Unidades Gramaticais: Traduzir substantivo por substantivo, verbo por verbo, manter a ordem das palavras sempre que a sintaxe da língua de chegada minimamente o permita. (b) Consistência Lexical: Esforçar-se para traduzir um termo específico do idioma original (ex: o termo grego *dikaiosyne*) sempre pelo mesmo termo correspondente na língua de chegada (ex: "justiça"), independentemente do contexto imediato. (c) Preservação de Idiomatismos: Verter expressões idiomáticas e figuras de linguagem originais de forma literal, inserindo notas de rodapé para explicar o significado oculto, se necessário.

²² O conceito de "frases nucleares" (ou *kernel sentences*) foi emprestado por Eugene Nida da Gramática Gerativo-Transformacional de Noam Chomsky (1957). Na proposta de Nida, os núcleos representam o nível estrutural mínimo no qual a mensagem é despida de ambiguidades sintáticas e complexidades retóricas da língua de partida, organizando-se em relações lógicas simples do tipo: Agente-Ação-Objeto. Ao reduzir a mensagem a essas estruturas básicas universais, o tradutor elimina os riscos de distorções semânticas causadas por idiomatismos locais. Ver: NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill, 1969.

²³ A etapa de reestruturação constituía fase estética e comunicativa mais importante no modelo tripartite, pois é nela que se consolida a "equivalência dinâmica" ou funcional. Ao contrário da transferência literal mecânica, a reestruturação exige que o tradutor reorganize os núcleos semânticos na estrutura superficial da língua de recepção de forma que o texto soe perfeitamente natural e fluído para o novo leitor, provocando nele o mesmo impacto psicológico e cognitivo que o texto original gerou no leitor de partida. Ver: MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: theories and applications*. 5. ed. London: Routledge, 2022.

O valor desse método reside no respeito à integridade formal do texto antigo. Ele permite que o leitor da língua de chegada tenha um vislumbre da estrutura mental e literária dos autores originais. No entanto, as suas limitações são severas. Quando levada ao extremo, a equivalência formal gera o que os linguistas chamam de "interferência linguística" ou "estrangeirismo sintático", produzindo frases que violam a gramática natural da língua de recepção e obscurecem ou distorcem completamente o sentido pretendido.

3.3 Equivalência Dinâmica/Funcional: O Foco na Resposta do Receptor

Em oposição à rigidez formal, Nida propôs a Equivalência Dinâmica, definida como a qualidade de uma tradução na qual a relação entre o receptor da língua de chegada e a mensagem traduzida é substancialmente a mesma que existia entre os receptores originais e a mensagem em sua língua nativa. O objetivo não é a identidade das formas linguísticas, mas a equivalência do efeito comunicativo.

Nas décadas de 1970 e 1980, em coautoria com Jan de Waard, Nida preferiu adotar o termo Equivalência Funcional, para enfatizar que a tradução deve fazer o texto funcionar de maneira correta no novo contexto comunicativo.

Nida usou os termos 'forma' e 'equivalência funcional' no mesmo sentido que ele havia usado em Bible Translating, isto é, em referência a entidades e eventos culturais que são diferentes em sua forma física objetiva, mas equivalentes em suas funções culturais, embora ele também tenha usado frequentemente o termo 'forma' em seu sentido mais convencional de forma linguística. (Stine, 2005, p. 32)

Os pilares desse modelo são: (a) Naturalidade Estilística: O texto traduzido não deve soar como uma tradução; ele deve possuir a fluidez, o ritmo e a clareza de um texto nativo. (b) Prioridade do Sentido sobre a Forma: Se a forma gramatical original obstaculiza a compreensão do sentido, a forma deve ser sacrificada ou modificada em prol da clareza. (c) Transposição Cultural: Elementos culturais específicos que não possuem correspondente direto na cultura de chegada devem ser traduzidos por equivalentes funcionais que evoquem a mesma reação psicológica e cognitiva.

A grande vantagem da equivalência dinâmica é a democratização do texto, tornando-o imediatamente inteligível para crianças, leitores neófitos ou indivíduos de fora do círculo religioso. A sua crítica mais contundente, contudo, aponta para o perigo da perda da distância

histórica, abrindo margem para que a subjetividade e os pressupostos teológicos do tradutor se infiltrem na reestruturação da mensagem, atuando mais como um intérprete/comentador do que como um tradutor estrito.

4 ANÁLISE COMPARATIVA DE CASOS PRÁTICOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

Para compreendermos o impacto real desses dois modelos teóricos na prática editorial contemporânea, faz-se necessário realizar uma exegese comparativa de textos específicos. Analisaremos duas passagens bíblicas, uma do Antigo Testamento e uma do Novo Testamento, confrontando versões representativas da Equivalência Formal (*Almeida Revista e Corrigida* - ARC, e *Almeida Revista e Atualizada* - ARA) com versões da Equivalência Dinâmica/Funcional (*Nova Tradução na Linguagem de Hoje* - NTLH, e *Nova Versão Transformadora* - NVT).

4.1 Caso 1: Amós 4:6 – O Antropomorfismo e os Idiomatismos Hebraicos

O livro do profeta Amós é rico em imagens poéticas e expressões idiomáticas do hebraico antigo. No capítulo 4, versículo 6, o texto massorético registra uma advertência divina ao povo de Israel.

Tabela 1: Versões e análise crítica de Amós 4:6.

Versão/Metodologia	Texto Transposto	Análise Crítica
ARC (Equivalência Formal)	"Por isso, também vos dei limpeza de dentes em todas as vossas cidades, e falta de pão em todos os vossos lugares..."	Mantém a literalidade da expressão hebraica <i>niqyôn šinnayim</i> (limpeza de dentes). Para o leitor moderno não iniciado, o termo evoca higiene bucal ou saúde odontológica, o que inverte completamente o sentido do juízo divino.
ARA (Equivalência Formal)	"Por isso, também vos dei <i>pureza de dentes</i> em todas as vossas cidades, e falta	Substitui "limpeza" por "pureza", mas ainda retém de forma estrita a estrutura e a correspondência das formas originais. O

	<i>de pão em todos os vossos lugares..."</i>	problema hermenêutico persiste: a expressão continua enigmática e esteticamente estranha ao português corrente.
NTLH (Equivalência Dinâmica/Funcional)	<i>"Fui eu que fiz com que houvesse fome em todas as cidades e falta de comida em todos os lugares..."</i>	Desfaz a metáfora semítica original e a substitui diretamente pelo seu referente semântico (fome). O leitor compreende instantaneamente o efeito comunicativo do texto, embora haja o sacrifício da crueza poética da imagem primitiva.
NVT (Equivalência Dinâmica/Funcional)	<i>"Fui eu que causei fome em todas as suas cidades e falta de alimento em cada lar..."</i>	Opera sob a mesma busca pela resposta do receptor, reestruturando a mensagem de modo natural. Ao trocar "lugares" por "lar", o texto mantém a clareza conceitual da fome e preserva um contorno estético e poético mais sintonizado com o português contemporâneo.

Fonte: Dos autores.

Este caso demonstra como a equivalência formal extrema pode produzir um falso sentido ou um sem-sentido completo na língua de chegada devido ao choque de universos idiomáticos.

4.2 Caso 2: 1 Pedro 1:13 – A Desconstrução de Metáforas Anatômicas

Na seção exortativa da primeira epístola de Pedro, o autor utiliza uma metáfora vívida baseada nas vestes orientais da época para conclamar os crentes à prontidão mental.

Tabela 2: Versões e análise Crítica de 1 Pedro 1:13.

Versão / Metodologia	Texto Transposto	Análise Crítica
----------------------	------------------	-----------------

ARC (Equivalência Formal)	<i>"Portanto, cingindo os lombos do vosso entendimento, sede sóbrios..."</i>	Reproduz fielmente a anatomia da metáfora original (<i>anazōsamenoi tas osphyas</i>). No entanto, para o leitor urbano contemporâneo, a transposição mecânica do vestuário antigo para o campo mental beira o incompreensível.
ARA (Equivalência Formal)	<i>"Por isso, cingindo o vosso entendimento..."</i>	Tenta suavizar a crueza anatômica original ao eliminar o termo "lombos", mas ainda retém o verbo arcaico e de baixa frequência "cingir", mantendo o distanciamento da linguagem natural contemporânea.
NTLH (Equivalência Dinâmica/Funcional)	<i>"Portanto, estejam prontos para agir. Continuem alertas..."</i>	Elimina totalmente a indumentária da Antiguidade e a substitui diretamente pelo seu referente semântico e funcional. O leitor compreende o imperativo do texto imediatamente, embora perca o contorno literário primitivo.
NVT (Equivalência Dinâmica/Funcional)	<i>"Portanto, preparem a mente para a ação e guiem-se pelo bom senso..."</i>	Desconstrói a metáfora anatômica com foco na resposta do receptor. Ao verter o sentido por "preparem a mente para a

		ação", salva a mensagem do anacronismo estilístico e preserva o tom exortativo e intelectual pretendido por Pedro.
--	--	--

Fonte: Dos autores.

Análise Exegética:

A expressão grega *anazōsamenoi tas osphyas* significa literalmente "amarrar a cintura" ou "cingir os lombos". No mundo antigo, homens usavam túnicas longas. Para correr, trabalhar ou lutar, precisavam erguer as fraldas da túnica e amarrá-las com um cinto ao redor dos lombos para dar liberdade de movimento às pernas. Pedro aplica isso metaforicamente à mente (*dianoia*).

A ARC reproduz fielmente a anatomia da metáfora (cingindo os lombos do vosso entendimento), mas para o homem urbano contemporâneo, a frase beira o incompreensível. A ARA tenta suavizar, mas mantém o verbo arcaico "cingir". A NTLH e a NVT eliminam totalmente o vestuário e a anatomia antiga, traduzindo o significado puramente funcional da metáfora: "estejam prontos para agir" ou "preparem a mente para a ação". Neste caso, a equivalência dinâmica cumpre com perfeição o seu papel comunicativo, salvando a mensagem do anacronismo estilístico.

5 IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS, EXEGÉTICAS E ECLESIAIS

A escolha por uma Bíblia de Equivalência Formal ou de Equivalência Dinâmica transcende as paredes dos gabinetes dos linguistas e afeta diretamente a práxis da Igreja e o desenvolvimento da reflexão teológica.

5.1 O Impacto na Liturgia e na Memorização

As traduções formais, devido à sua rigidez e estrutura cadenciada, tendem a possuir uma dignidade litúrgica intrínseca. No contexto do protestantismo brasileiro, o ritmo majestoso da linguagem de João Ferreira de Almeida fixou-se profundamente na memória

coletiva das comunidades de fé, fazendo com que versículos decorados na infância, segundo versões tradicionais como a Almeida Revista e Corrigida (ARC) ou a Almeida Revista e Atualizada (ARA), funcionem como verdadeiras âncoras identitárias. A introdução de novas versões textuais frequentemente tensiona essa herança cultural. Analisando esse fenômeno, Souza (2018, p. 155) aponta que projetos contemporâneos, como a Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH), promovem uma reestruturação etnocêntrica e hipertextual que "rompe com a tradição de traduções bíblicas formais (focadas na forma do texto fonte)". Desse modo, o distanciamento da estrutura clássica de Almeida não altera apenas a percepção linguística do texto sagrado, mas desafia os próprios marcadores de memória social e apego litúrgico que sustentam a identidade evangélica tradicional no país.

A adoção de traduções bíblicas baseadas na equivalência dinâmica pode desestabilizar a percepção de sacralidade no culto público ao privilegiar uma linguagem excessivamente informativa e cotidiana. Como observa Paro (2016, p. 62), a ação litúrgica exige uma 'linguagem performativa, que atualiza' o mistério. Portanto, quando o texto sagrado perde sua solenidade estética em função de uma simplificação linguística, compromete-se a capacidade do rito de engajar a comunidade através da reverência e da dimensão simbólica.

5.2 O Perigo da "Hiperinterpretação" na Equivalência Dinâmica

Ao analisar o panorama das traduções contemporâneas, o calcanhar de Aquiles das abordagens de equivalência dinâmica reside naquilo que o teólogo D. A. Carson (1979; 2008) identifica como os riscos de uma "sobrecarga exegetica". Uma vez que o tradutor dinâmico se compromete a decodificar e entregar o sentido imediato ao leitor, ele acaba confiscando a polissemia original do texto sagrado. Diante de passagens intencionalmente ambíguas ou teologicamente densas, a tradução dinâmica é forçada a selecionar e registrar apenas uma vertente interpretativa, eliminando as demais nuances legítimas que a correspondência formal conseguiria preservar para o exercício da exegese comunitária.

Os profetas e apóstolos frequentemente escreviam utilizando duplos sentidos, jogos de palavras ou ambiguidades teológicas profundas. Uma tradução formal preserva a ambiguidade na língua de chegada, permitindo que o exegeta estude as múltiplas possibilidades. A tradução dinâmica, por sua natureza, colapsa a ambiguidade em uma única interpretação clara. Ao

fazer isso, o tradutor assume o papel de pastor e teólogo, dogmatizando uma leitura específica do texto e fechando a porta para outras reflexões legítimas.

5.3 O Problema do Elitismo Intelectual na Equivalência Formal

Se por um lado a equivalência dinâmica corre o risco de incorrer em simplificações excessivas, a equivalência formal frequentemente resvala em um elitismo acadêmico que restringe o acesso textual. Defender dogmaticamente que apenas as traduções estritamente literais mantêm-se "verdadeiras" ou "fiéis" estabelece uma barreira artificial de acesso à Palavra de Deus. Contrapondo-se a essa rigidez formalista, Nida (1964) argumenta que a fidelidade tradutória não reside na preservação mecânica das estruturas linguísticas da cultura fonte, mas sim na capacidade de transferir o impacto da mensagem para o receptor contemporâneo. Ao priorizar a inteligibilidade e a resposta do leitor comum, as abordagens funcionais rompem com o monopólio da erudição, democratizando a experiência do texto sagrado.

Indivíduos de estratos sociais de menor escolaridade, crianças em processo de alfabetização ou povos pertencentes a culturas radicalmente distintas da matriz ocidental deparam-se com uma muralha intransponível ao tentarem ler uma Bíblia formal. O literalismo pode gerar uma forma de "magia verbal", onde o leitor repete termos e fórmulas eclesiásticas (como propiciação, justificação, beneplácito) sem possuir a menor cognição do que tais conceitos significam no tecido de suas próprias vidas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após esta investigação dos fundamentos históricos, teóricos e práticos da tradutologia bíblica aplicada à língua portuguesa, torna-se evidente que a polarização estéril entre Equivalência Formal e Equivalência Dinâmica não atende à complexidade da missão eclesial e do estudo acadêmico contemporâneos.

Não existe, do ponto de vista da linguística moderna, uma tradução "perfeita" ou "absoluta". Toda tradução é um sistema de ganhos e perdas. A equivalência formal ganha em precisão histórica, proximidade morfológica e preservação de ambiguidades estruturais, mas perde em clareza imediata, fluidez estética e acessibilidade popular. A equivalência dinâmica

ganha em impacto comunicativo, relevância cultural, apelo emocional e inteligibilidade, mas perde em profundidade exegetica, exatidão terminológica e distanciamento histórico.

Portanto, a superação dessa dicotomia passa pelo reconhecimento de que diferentes traduções servem a diferentes propósitos e públicos:

(a) O Estudo Exegético e a Academia: Demandam versões fortemente ancoradas na equivalência formal (como a ARA, a *Almeida Século XXI*, ou a *Bíblia de Jerusalém*), que funcionam como uma radiografia do esqueleto textual original, permitindo ao estudante identificar a sintaxe e as repetições de palavras-chave no hebraico e no grego.

(b) O Ensino, o Discipulado e o Evangelismo: Beneficiam-se enormemente de versões pautadas pela equivalência dinâmica ou funcional (como a NVT, a *Nova Versão Internacional* - NVI, ou a NTLH), que removem os entulhos linguísticos do passado e permitem que a mensagem ética, amorosa e transformadora do Evangelho atinja o coração do leitor sem mediações eruditas desnecessárias.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria do Rosário. A livraria de D. Duarte (1433-1438) e seus livros em linguagem. *Revista de Filologia e História Medieval*, Lisboa, n. 14, p. 45-62, 2017

BANDIA, Paul. O conceito bermaniano de “estrangeiro” sob o prisma da tradução póscolonial. *Belas Infiéis*, Brasília, v. 9, n. 1, p. 205–221, 2020. Tradução de Andressa Franco Oliveira; Maria Angélica Deângeli.

BARR, James. St. Jerome's Appreciation of Hebrew. *Bulletin of the John Rylands Library*, Manchester, v. 49, n. 2, p. 281-302, 1967.

BIBLEGATEWAY. *What is Formal Equivalence?* 2023. Disponível em: <https://www.biblegateway.com>. Acesso em: 26 jun. 2026.

BORNSCHEIN, Fred Roland. *A hermenêutica de Lutero*. [S.l.], 2020. Disponível em: https://teologiaesociedade.weebly.com/uploads/1/4/1/2/14122108/1_-_a_hermen%C3%8Autica_de_lutero_-_artigo_fred_para_a_revista_final.pdf. Acesso em: 24 jun. 2026.

CARNEIRO, Marcelo. A Septuaginta como Escritura: tradução hermenêutica e recepção no Novo Testamento. *Revista Pistis Prax*, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 508-526, maio/ago. 2022.

CARPINETTI, Luís Carlos Lima. *O aspecto polêmico da apologia de Jerônimo contra Rufino*. 2003. Tese (Doutorado em Letras Clássicas) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. p. 16-17. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-01122003-132058/>. Acesso em: 24 jun. 2026.

CARSON, Don A. *Os perigos da interpretação bíblica: a exegese e suas falácias*. Tradução: Valéria Fontana. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

CARSON, Don A. *The King James Version debate: a plea for realism*. Grand Rapids: Baker Book House, 1979.

CHARPENTIER, Étienne. *Para ler o Antigo Testamento*. São Paulo: Paulinas, 1981.

CHOMSKY, Noam. *Syntactic Structures*. The Hague: Mouton, 1957.

CHRISTIANITY TODAY. Eugene Nida: The Man Who Changed Bible Translation Forever. *Christianity Today*, 2011. Disponível em: <https://www.christianitytoday.com>. Acesso em: 26 jun. 2026.

CONCÍLIO VATICANO II. *Dei Verbum*: Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação. In: CONCÍLIO VATICANO II. Documentos do Concílio Vaticano II. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CRUZ, Marcus. A correspondência entre Jerônimo e Agostinho e a questão da tradução das Escrituras. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 16, p. 46-62, jul. 2019. ISSN 2237-6585.

FARIAS, Karina de; SANTIAGO, Márcio Sales. Tradução bíblica em linguagem moderna: uma análise da Nova Tradução na Linguagem de Hoje. *Revista UNIABEU*, Belford Roxo, v. 9, n. 21, p. 32-46, jan./abr. 2016. ISSN 2179-5037.

FERNANDES, Luís Henrique Menezes. *Diferença da Cristandade: a tradução bíblica de João Ferreira de Almeida e o discurso da Confissão de Fé de Westminster*. 2016. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

GEISLER, Norman; NIX, William. *Introdução Bíblica: como a Bíblia chegou até nós*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo: Vida, 2006. Disponível em: yausha.com.br. Acesso em: 25 jun. 2026.

GUIMARÃES, Mariângela Areal. *A era helenística: os reflexos do fim da pólis na formação do indivíduo*. Ítaca, Rio de Janeiro, n. 17, p. 35-49, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/Itaca/article/view/229>. Acesso em: 23 jun. 2026.

JERÔNIMO, São. *Tradução integral e comentada da Epístola Ad Pammachium: De Optimo Genere Interpretandi*. Tradução e comentários de Equipe de Filologia Clássica. Revista ResearchGate/Academia.edu, p. 1-15, 2020.

KONINGS, Johan M. H. J. Tradução da Bíblia: teorias, ferramentas, limites e perspectivas. *Revista Pistis Prax*, Curitiba, v. 14, n. 2, p. 217-238, maio/ago. 2022.

MORAES, Nirio de Jesus. *Abordagem histórica e tradutológica dos evangelhos sincréticos em língua portuguesa*. 2015. Tese (Doutorado em Estudos da Tradução) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

MUNDAY, Jeremy. *Introducing Translation Studies: theories and applications*. 5. ed. London: Routledge, 2022.

NIDA, Eugene Albert. *Toward a Science of Translating: with special reference to principles and procedures involved in Bible translating*. Leiden: Brill, 1964.

Sandro R. Cata Preta e Mateus Soares Parreiras de Freitas. *A Tensão hermenêutica na tradução Bíblica: uma análise comparativa entre a Equivalência Formal e a Equivalência Dinâmica na Língua Portuguesa*.

NIDA, Eugene Albert; TABER, Charles Russell. *The Theory and Practice of Translation*. Leiden: Brill, 1969.

OLIVEIRA, Luciene de Lima. A Septuaginta: uma herança alexandrina até os nossos dias. *Principia*, Rio de Janeiro, n. 16, p. 115-122, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/principia/article/view/11219>. Acesso em: 23 jun. 2026

PARO, Thiago Aparecido Faccini. *A linguagem simbólico-ritual e a ação litúrgica: a perspectiva da iniciação à vida cristã*. 2016. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://pucsp.br>. Acesso em: 27 jun. 2026.

RAVASI, Gianfranco. *Jerônimo e a Vulgata resistem aos séculos*. Tradução de Luisa Rabolini. Instituto Humanitas Unisinos – IHU, 29 set. 2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/603289-jeronimo-e-a-vulgata-resistem-aos-seculos-artigo-de-gianfranco-ravasi>. Acesso em: 24 jun. 2026.

SHANNON, Claude Elwood; WEAVER, Warren. *The Mathematical Theory of Communication*. Urbana: University of Illinois Press, 1949.

SIEPIERSKI, Paulo D. Erasmo botou o ovo que Lutero chocou...: a contribuição da obra literária de Erasmo de Roterdã ao início da Reforma Protestante. *PLURA*, Revista de Estudos de Religião, Juiz de Fora, vol. 7, nº 1, p. 268-291, 2016. ISSN 2179-0019.

SILVA, Jessica Maria Alves da. *Historiografia da tradução da Bíblia: uma análise das escolhas tradutórias do Livro de Gênesis*. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: ufrj.br. Acesso em: 25 jun. 2026.

SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *O grego koiné: a língua do Novo Testamento*. Principia, Rio de Janeiro, n. 25, p. 89-101, 2012. Disponível em: uerj.br. Acesso em: 23 jun. 2026

SOLANO ROSSI, Luiz Alexandre; DIETRICH, Luiz José; SOUZA, Waldir. Tradução da Bíblia: teorias, ferramentas, limites e perspectivas. *Revista Pistis & Praxis*, [S. l.], v. 14, n. 2, 2022.

SOUZA, Francinaldo de. A inserção da Nova Tradução na Linguagem de Hoje no contexto da tradução bíblica brasileira. *Percursos Linguísticos*, Vitória, v. 8, n. 18, p. 153-167, 2018. Disponível em: <https://ufes.br>. Acesso em: 27 jun. 2026.

STADELMANN, Luís I. J. Lutero, tradutor da Bíblia. *Perspectiva Teológica*, Belo Horizonte, v. 17, n. 41, p. 87-100, jan./abr. 1985. Disponível em: faje.edu.br. Acesso em: 25 jun. 2026.

STINE, Philip C. Nida and "Functional Equivalence": The Evolution of a Concept, Some Problems, and Some Possible Ways Forward. *The Bible Translator*, v. 56, n. 1, p. 29-43, jan. 2005.

TABORDA, Andréia Rosin Caprino. A escrita da Vulgata para além de Jerônimo de Estridão: tradição, inovação e difusão. *Revista Diálogos Mediterrânicos*, Curitiba, n. 23, p. 1-14, 2022.

Disponível em: <https://www.dialogosmediterraneos.com.br/RevistaDM/article/view/446>.
Acesso em: 24 jun. 2026.

TANAKH. In: ENCICLOPÉDIA Britannica. Chicago: Encyclopædia Britannica, 2026.
Disponível em: [britannica.com](https://www.britannica.com). Acesso em: 23 jun. 2026.

TORRES, Milton L. A LXX no contexto do Novo Testamento. *Práxis Teológica*, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 45-62, jul./dez. 2023. Acesso em: 24 jun. 2026.

ZWICKY, Arnold. *Nida's fame, and his equivalence*. Arnold Zwicky's Blog, 2010.
Disponível em: <https://arnoldzwicky.org/2010/02/05/nidas-fame-and-his-equivalence/>.
Acesso em: 26 jun. 2026.